

– Papai.

– E de sua mãe?

– Mamãe.

O guarda, alarmado, disse:

– Meu filho, você está perdido!

Tomou-o nos braços e o levou para a delegacia de crianças desaparecidas.

Enquanto isso, estávamos todos desesperados em casa. Mamãe, naturalmente apavorada, dessa feita tinha mais do que razão de imaginar tragédias. Havia muitos acampamentos de ciganos em São Paulo e sempre se comentava sobre raptos de crianças. Vizinhávamos com nhá Vica, esposa do senhor Urbano Medeiros, o outro sócio da firma. Foram bons amigos e tinham dois filhos, o Doca e o Guito. Meus pais me deixaram na casa deles enquanto, desesperados, procuravam tomar as providências cabíveis, sem saber exatamente o que fazer. Nhá Vica era muito religiosa, a ponto de ter um altar em casa. Ciente do triste fato, correu, seguida por mim, acender uma vela para sua santa milagrosa, Santa Rita dos Impossíveis. Ajoelhei-me e comecei a rezar como a observara fazer algumas vezes. Mamãe, ao me apanhar, mais tarde, ainda me ouviu dizer:

– Minha santinha, pode ficar com o Daio de dia, mas de noite traga ele para casa.

Ao mesmo tempo, atirava beijinhos para a santa. Creio que minhas orações, tão sinceras e inocentes, ajudaram um pouco. O fato é que apareceu uma vizinha solícita ao saber do caso, tal o pânico instalado no bairro. Essa senhora disse que seu marido era delegado da Delegacia de Detenção de Crianças Perdidas e nos deu o número do telefone dele. Papai incontinenti contactou com ele. Teve um alento ao escutar:

– Aqui está um garotinho. O senhor mande verificar se é o seu.

Lá chegando, papai não cabia em si de contente ao se deparar com o Daio que, comendo pastel no colo da mulher do carcereiro, dizia não gostar de azeitonas, jogando-as fora. Sua gula manifestou-se cedo. Por causa dos pirulitos, chegou a se perder, como o “peixe que morre pela boca”. Dessa nossa estada em São Paulo, da qual não lembro o tempo exato, restou a marca desse susto inesquecível!



1927
O Buick, presente de Dario para Pompília.



1927
Daio, com dois anos, quando
se perdeu em São Paulo.



1927
Alto da Serra de Santos - Tio Bilo, Lia, Pompília, Dario, Liamir e Daio no muro;
Tereza com Lialis ao colo.

Alto da Serra de Santos



1927
Daio e Liamir.



1927
Liadar, Dario, Pompilia e Lialis; Liamir, Daio e tio Bilo (irmão de mamãe).



1927
O mesmo grupo, com tio Juca (irmão de papai) à direita.

Foi uma aventura, como se estivéssemos em viagem de recreio, pois levávamos uma vida bastante confortável e divertida. Creio que a todos os sócios faltou o tino comercial, e se algum o tinha, jamais viemos a saber. O capital empregado serviu para os gastos que tiveram. Parece que o utilizaram em suas próprias despesas, até o extinguir totalmente. Desse modo, regressaram à Curitiba, sem casa, capital ou emprego.

A época foi oportuna para papai se aventurar novamente. Já com quatro filhos, nossa família apanhou um navio da Ita em Paranaguá, embarcando rumo a Pelotas. Nunca esqueci aquele vento forte, o Minuano, trazendo com toda a sua fúria tantas pedrinhas miúdas que chegavam a cortar as nossas pernas, a ponto de sangrá-las ao descermos do navio, no cais do porto. Apesar de estar com apenas três anos, não esqueci esse fato, assim como as correrias pelo convés, enquanto mamãe passava mal, com enjôo, pois os barcos costeiros balançavam muito. Não havia o conforto dos transatlânticos de hoje.

De Pelotas fomos a Porto Alegre, onde mamãe passou a dar aulas particulares, enquanto papai trabalhava como contador em empresas. Posteriormente, meus pais ainda foram lecionar na cidade de Rio Pardo. Acontece que meu avô materno, Laurindo Lopes, veio a falecer justamente em agosto de 1928, época em que houve a maior nevada até então registrada em Curitiba. Nessa ocasião, a primeira e tão querida filha estava ausente, sem a menor possibilidade de vê-lo. As comunicações eram então precárias, não havia telefone e os aviões comerciais da Viação Aérea Rio Grande (Varig) iniciaram seus vôos apenas em 1927. Quando já com atraso mamãe veio a saber do falecimento, não se perdoava por estar tão longe. Sua tristeza só foi atenuada com o regresso ao Estado natal para rever a família enlutada.

Na ocasião, meus pais foram convidados pelo diretor de ensino do Paraná, doutor Lisímaco Ferreira da Costa, para compor o corpo docente da Escola Normal de Paranaguá, o que aceitaram de imediato, vislumbrando a oportunidade de permanecerem no Estado de origem. Antes, porém, mamãe teve uma séria conversa com papai, deixando-lhe bem claro que jamais o acompanharia em qualquer tipo de aventura e que, se insistisse, teria de ir sozinho.

Creio que ele levou a sério, como tudo o que ela lhe dizia, pois lá permaneceram por dezessete anos.

Pode-se perceber que, para todos os cargos que ocuparam, papai e mamãe foram sempre convidados. Isso não se deu apenas pelo talento incontestável de ambos. Atualmente, a competitividade exige muitas provas e condições pessoais dos candidatos a emprego, mas naquele tempo o mérito era reconhecido graças às relações sociais, que se verificavam em meio a uma população mais reduzida.

